

## HIMANI BANERJI E O INTELLECTUAL NA CONTEMPORANEIDADE

Rodrigo da Rosa Pereira  
Fundação Universidade Federal do Rio Grande

O presente estudo situa-se no contexto da historiografia literária canadense contemporânea com base em uma escrita migrante feminina no Canadá de língua inglesa. É o recorte de um ponto específico abordado em minha pesquisa de mestrado, aqui brevemente aprofundado. O tema do intelectual pós-colonial será discutido a partir da produção da escritora Himani Bannerji, uma intelectual diaspórica, duplamente situada na periferia da instituição literária, por ser *mulher e imigrante sul-asiática* no Canadá. O debate se baseará em considerações a respeito da responsabilidade política do intelectual pós-colonial.

A história da literatura mundial tem mostrado que os escritores geralmente produzem em busca de respostas às demandas de seus tempos. Atualmente, o fenômeno da migração tardia, nas sociedades do primeiro mundo, tem gerado uma cultura capaz de resistir à ausência de representação que certos indivíduos têm sofrido nos modelos de ordem social vigentes. E nesse contexto a literatura tem se colocado como uma das formas de expressão dessa cultura.

O Pós-colonialismo e os Estudos Culturais se fazem cruciais para esse entendimento, ao se ocuparem primordialmente em romper com a fixidez de conceitos e noções modelares no que tange ao discurso teórico e crítico da filosofia ocidental aplicado aos estudos da cultura e conseqüentemente da literatura. Essas correntes de pensamento têm constituído instrumentos importantes do processo de descolonização em determinadas conjunturas históricas e geográficas, notadamente nos casos das sociedades coloniais ou de países em desenvolvimento.

É somente a partir dessa perspectiva que se torna possível situar a produção literária de mulheres imigrantes, intelectuais contemporâneas e diaspóricas, tais como as sul-asiáticas no Canadá: uma escritura decorrente das relações econômicas e sócio-político-culturais da atualidade, a qual remete o leitor à necessidade de (re)pensar a produção literária contemporânea canadense.

Sul-asiática em diáspora, Himani Bannerji (1945-) nasceu e cresceu na Índia pós-colonial, mas teve uma educação colonial severa tanto na Índia quanto no Canadá, onde vive desde 1969. Além de escritora e tradutora de diversos livros, os quais incluem

poesia, ficção e ensaios, ela atua como professora de sociologia na *York University*, em Toronto.

A escritora se denomina “antiracista e feminista marxista” (2000, p. 52), e assume-se como uma “intelectual dos oprimidos”, alegando somente ser possível ocupar tal posição porque sua própria vida coloca-se como fonte de aprendizado e teorização, exemplar das relações injustas dentro das quais vive (2000, p. 40). Assim, a autora não vê a si mesma como escritora de literatura separadamente de sua crítica e de seu ensino, reconhecendo que tais posicionamentos ou atuações sociais estão no contexto de sua vida de modo indissociável.

Embora seja mais conhecida por sua escrita crítica, a autora possui uma contribuição criativa significativa para o tecido literário canadense, particularmente no contexto expressivo das minorias étnico-raciais. Seus interesses de pesquisa situam-se acerca do marxismo, feminismo e antirracismo, com ênfase na relação entre cultura e política, sobretudo a leitura do discurso colonial com base no conceito de ideologia de Marx, somando a isso uma análise reflexiva de gênero, raça e classe sob uma ótica problematizadora do multiculturalismo.

Para Bannerji, política não é somente algo que está nas ruas, mas uma estrutura de pensamentos. Nesse sentido, a autora acredita que se não conseguirmos transformar o mundo apenas com a arte, tampouco conseguiríamos sem ela (Kamboureli, 1996). Por essa razão, em termos ideológicos, sua escritura pode ser vista como fundamentada no entrecruzamento de sua atuação enquanto socióloga e artista; tanto sua produção crítica quanto literária trata da situação sociocultural dos imigrantes sul-asiáticos em meio à hegemonia da cultura branca canadense.

Nessa perspectiva, torna-se possível considerar a obra de Bannerji como um conjunto tanto literário quanto crítico; ou seja, ambas as formas de expressão constituem atuações complementares e inevitáveis, na prática. Assim, a intelectual consolida uma voz crítico-criativa pós-colonial, situando-se entre a literatura dominante e a de resistência negra.

Vale salientar que Bannerji (1995) afirma não escrever da margem da tradição canadense, mas do centro de sua tradição étnico-racial; assim, sua produção possibilita um caminho de leitura que coloca-se como um modo de penetrar em uma época relativamente ignorada nos manuais de História da Literatura Canadense, especialmente a partir de aspectos que permeiam as literaturas pós-coloniais. A partir dessa perspectiva,

torna-se possível abordar tal produção literária como a expressão de um processo continuado de descolonização e libertação cultural.

Bannerji declaradamente assume a existência de uma “luta”, de uma “guerra de imagens”, diante da qual busca fortalecer estratégias e táticas por meio da constituição de formas de resistência. Segundo ela, tais formas devem ser críticas, e podem, sem problema algum, emergir através da linguagem literária. Assim, justifica-se uma espécie de metodologia para o entrelaçamento de seu trabalho crítico e criativo.

O que a autora evidencia é que, mesmo no campo literário, para as mulheres canadenses sul-asiáticas, faz-se essencial ser capaz de produzir e estar em uma posição para disseminar e validar imagens de si mesmas. Para tanto, deve-se voltar as atenções às histórias dos sul-asiáticos no Canadá como imagens que forneçam a “terceira dimensão” de sua luta contra aquelas que tanto expressam quanto criam as condições de sua dominação.

Discorrendo acerca do papel da intelectual feminista, Spivak acusa as feministas acadêmicas do “primeiro mundo” de ignorar, reduzir e obscurecer a compreensão da alteridade das mulheres em condições de opressão, apontando para a necessidade de uma política de representação que fale *para* ou *a favor* das “outras” mulheres, sem falar *por* elas, sem reter suas especificidades ou suas diferenças. Segundo a teórica, as “outras” mulheres, aquelas excluídas do discurso feminista de tendência dominante no primeiro mundo, por mais individualmente desprivilegiadas que possam ser, ainda assim podem se tornar capazes de “especificar os seus problemas por si mesmas, e esse já é um começo” (1990, p. 9-10).

Tal crítica faz parte de um entendimento de que as estruturas (ideológicas) que sustentam a representação estética, em textos artísticos, literários ou cinemáticos, também sustentam a representação política. A obra de Spivak aponta para o fato de que a diferença geral entre essas estruturas de representação é que a representação estética tende a evidenciar sua condição de re-apresentação do real, enquanto a representação política nega uma estrutura de representação. Logo, a menos que os intelectuais ocidentais comecem a levar em consideração a dimensão estética da representação política, esses intelectuais continuarão a silenciar as vozes dos grupos minoritários.

A figura de Bannerji enquanto escritora exemplifica que existem mulheres intelectuais participando ativamente em movimentos de resistência anticolonial no contexto contemporâneo das sociedades pós-modernas, não sendo estas apenas objetos submissos à opressão passiva. Estas, no entanto, tendem a ser invisibilizadas pela

hegemonia cultural da masculinidade no mundo ocidental, particularmente se considerarmos a condição étnico-diaspórica dessas mulheres.

Se a opressão dos grupos de etnia desprivilegiada no Canadá apresenta um dilema ético, bem como um desafio metodológico, Bannerji, como uma intelectual pública comprometida com a articulação das histórias e vidas desses grupos, demonstra que a experiência de opressão social e política em sociedades pós-coloniais atravessa diferenças de classe, região, língua, etnicidade, religião, geração, gênero e cidadania, dentre outras; e é justamente na perspectiva dessas diferenças que tal opressão se torna inteligível. Contra um discurso dominante hegemônico, apagador das diferenças, é que se situa a literatura de Bannerji.

Apesar de não haver conclusões definitivas – e esta talvez seja sua maior virtude, até o momento – essa corrente tem buscado uma abordagem literária afirmativa das minorias e capaz de descolonizar as mentes de cidadãos leitores. Na transposição do engajamento social para textos criativos, a literatura demonstra-se capaz de proporcionar re-visões de concepções e re-avaliações de condutas. Logo, quando devidamente abordada, a literatura pós-colonial revela-se uma fonte cultural pedagógica.

---

#### Referências

- BANNERJI, Himani (2000). **The dark side of the nation**: essays on multiculturalism, nationalism and gender. Toronto: Canadian Scholars' Press Inc.
- \_\_\_\_\_. *Thinking through*: essays on feminism, Marxism, and anti-racism. Toronto: Women's Press, 1995.
- BHABHA, Homi K (1998). **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- HALL, Stuart (2003). **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- KAMBOURELI, Smaro (1996). **Making a difference**: Canadian multicultural literature. Ontário: Oxford University Press.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty (1990). **The post-colonial critic**: interviews, strategies, dialogues. HARASYM, Sarah (org.). London & New York: Routledge.